

INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NAS ÁREAS DE INTERFLÚVIO ENTRE OS RIOS NEGRO E SOLIMÕES, AMAZÔNIA CENTRAL, BRASIL

LUIZ FERNANDO ERIG LIMA
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
eriglma@lycos.com

Apresentação

O presente artigo apresenta de forma resumida os resultados de uma dissertação de mestrado, a qual envolveu um levantamento sistemático de sítios arqueológicos localizados nas zonas de interflúvio da área de abrangência do Projeto "Levantamento Arqueológico da Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões, AM" ou "Projeto Amazônia Central", localizada na região do município de Iranduba, próximo à cidade de Manaus, Amazonas.

Suas atividades foram desenvolvidas no período de Agosto de 2000 a Fevereiro de 2003, vinculadas ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), contando com a orientação do prof. Dr. Eduardo Góes Neves, sendo o financiamento efetuado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Tais atividades visaram contribuir para a resolução de dois problemas distintos de pesquisa: um geral e outro específico. O primeiro problema dizia respeito ao teste da aplicabilidade de modelos de adaptação humana na arqueologia amazônica, particularmente no que se referia à possibilidade de ocorrência de sítios arqueológicos de grandes dimensões na área de interflúvio. O segundo problema estaria ligado à definição de uma tipologia de sítios arqueológicos presentes na área de pesquisa.

Considerando que a área em estudo possuía um quadro de pesquisa ainda preliminar, limitado a locais ribeirinhos, a pesquisa proposta possibilitaria que tal quadro fosse estendido para os ambientes de interflúvio. Considerando, ainda, que na área de estudo havia poucos setores com cobertura vegetal intensa, devido à atividade antrópica local representada por pastagens e campos de cultivo, a logística de campo seria bem mais fácil do que em outras partes da Amazônia, onde a cobertura vegetal dos sítios é predominante. Tais condições facilitariam por um lado o acesso aos locais de levantamento e a própria identificação dos sítios arqueológicos, já que pelo menos os depósitos superficiais teriam sua visibilidade

umentada devido ao desmatamento. O trabalho possibilitaria, desse modo, um teste inicial dos modelos revistos para o ambiente de terra firme, algo ainda não sistematicamente realizado devido às dificuldades logísticas relacionadas às pesquisas em áreas de interflúvio na Amazônia. Se bem sucedido, ele traria uma contribuição original à arqueologia da região.

Para alcançar o objetivo proposto, foi a princípio definido um grupo de sete unidades amostrais de levantamento, correspondendo aproximadamente a 20% do total das regiões de interflúvio na área de projeto, cada uma com 2 km², as quais seriam sistematicamente percorridas. Todavia, no decorrer das atividades de campo, esse método de levantamento não foi seguido devido a dificuldades logísticas, sendo dada preferência à busca de sítios arqueológicos ao longo da rodovia AM-452, envolvendo suas estradas vicinais e propriedades relacionadas, procurando também informações orais entre a população local.

Maiores detalhes quanto à metodologia de campo e laboratório, a análise lítica, cerâmica, orgânica e estatística, assim como a documentação fotográfica, cartográfica, e ilustrativa do acervo arqueológico, poderão ser consultados no volume já publicado da dissertação, disponível em versão revista e melhorada após orientação da banca examinadora de mestrado (Lima 2003).

Introdução

A distinção conceitual entre ambientes de Várzea e Terra Firme para explicar processos adaptativos humanos na Amazônia tem sido utilizada há mais de 30 anos, inicialmente por Lathrap (1968). Tal distinção heurística consolidou-se, porém, através do trabalho de Meggers (1971), cujo embasamento teórico estava ligado ao neo-evolucionismo norte americano da década de 50 (Viveiros de Castro 1996: 186), bem como pelas idéias apresentados por Lowie (1948) e Steward (1948) no *Handbook of South American Indians*.

Assim, baseando-se em características culturais comuns a alguns grupos indígenas contemporâneos da Amazônia (Kamayurá, Jívaro, Kayapó, Sirionó, Wai-Wai), Meggers definiu a terra firme como uma área cultural comum, cujos limites coincidiriam, aproximadamente, com os limites geográficos naturais (Meggers 1971: 70-71). A correlação pôde ser explicada não só pela presença de matérias primas semelhantes, como também por fatores deterministas, de modo que para ambientes de terra firme certos elementos influenciariam os processos adaptativos, tais como: a infertilidade do solo que limitaria a intensidade do aproveitamento agrícola, a armazenagem de alimentos em curto período de tempo devido à alta umidade e temperatura; e a baixa concentração de proteína animal e vegetal, obrigando o uso de diversos recursos de subsistência, objetivando um melhor equilíbrio na dieta alimentar. Desse modo, entre as populações indígenas haveria uma adaptação a este meio através do equilíbrio entre sua demografia e a capacidade produtiva de longo prazo do meio ambiente, impedindo super exploração e destruição irreversível dos recursos básicos (Meggers 1971: 143-146). Esse equilíbrio teria sido mantido por meios que ampliariam o

rendimento dos alimentos: cultivo predominante de tubérculos, a caça e a pesca, complementaridade alimentar, preservação de alimentos (Meggers 1971: 146-150), e fatores que controlariam o aumento populacional (Meggers 1971: 150-159). Ainda nesta perspectiva, a concentração demográfica teria sido evitada através de mecanismos culturais, pois embora o ambiente de terra firme apresente grande variedade de recursos de fauna e flora, a sua distribuição é rarefeita, o que somado à baixa fertilidade do solo, levaria à mudança freqüente das roças. A restrição contra o agrupamento das casas, bem como contra a expansão dessas além de determinado tamanho, indicaria a impossibilidade da exploração dos recursos locais em longo prazo por populações densas. Assim sendo, o modelo proposto para o tamanho, densidade e duração para os assentamentos de terra firme seria o de comunidades dispersas com baixa densidade demográfica, e curtos períodos de duração (Meggers 1971: 159-163).

Quanto à adaptação humana no ambiente de várzea, Meggers (1971) propõe uma complexidade superior àquela existente no ambiente de Terra Firme, devido à abundância de recursos aquáticos e da periódica fertilização dos campos de cultivo de várzea em consequência das cheias (Meggers 1971: 177-180, 188-189). Tais diferenças, no entanto, não impediriam o emprego de técnicas de rendimento de alimentação e de controle do tamanho e densidade de população, visto que, de acordo com o modelo, essas cheias, além de inundarem os campos de cultivo de várzea, causariam grande dispersão dos recursos faunísticos aquáticos (Meggers 1971: 194-204). Citando os relatos coloniais dos séculos 16 e 17 a respeito dos índios Omágua e Tapajó, Meggers propôs que as sociedades de várzea seriam caracterizadas por gigantescas aldeias sob o regime de governo de cacicados, grandes plantações, produção e comércio abundante de artesanato, organização social estratificada, templos com ídolos, e guerras envolvendo grande número de indivíduos, o que também envolvia a construção de paliçadas defensivas nas aldeias (Meggers 1971: 180-184, 186-191, 198-199).

Por outro lado, Lathrap (1970) propôs outras perspectivas para a origem e adaptação dos povos indígenas da Amazônia. A princípio contesta o modelo proposto por Steward, Meggers e Evans, e outros autores das décadas de 50 e 60, os quais defendiam o conceito de "uma cultura de floresta tropical" sob um forte cunho determinista, ou seja, unidades sociais com populações pequenas e não hierarquizadas, como as únicas capazes de se adaptar ao ambiente supostamente opressor da Bacia Amazônica.

Ao longo de seu trabalho, sob influência de Sauer (1950, *in*: Lathrap 1970: 116) Lathrap defendeu a idéia de um desenvolvimento autóctone para as culturas ceramistas da Bacia Amazônica. Quanto à origem da cultura de floresta tropical, Lathrap (1970: 72) defendeu a hipótese de que na Amazônia Central, próximo à confluência do rio Amazonas com o rio Negro e o Madeira, seria o centro de dispersão de uma série de culturas cerâmicas que arqueologicamente distribuem-se pelas bacias do Amazonas e do Orinoco (Lathrap 1970: 121). Para Lathrap a definição de uma "cultura de floresta tropical", teria que enfatizar os elementos culturais em comum aos grupos de várzea e aos grupos de planaltos interfluviais e não ser utilizada como um estágio de evolução cultural.

Nesse modelo, essas sociedades teriam um estilo de vida baseada na agricultura intensiva de raízes (mandioca, principalmente), aproveitando os recursos faunísticos aquáticos, sendo que a caça aos mamíferos terrestres e das margens, bem como as aves da floresta, teria ficado em segundo plano (Lathrap 1970: 49). Para Lathrap o uso da mandioca amarga (*Manihot esculenta*) como base para produção de beijú e farinha, seria indicativo não de uma agricultura de subsistência, e sim de uma economia agrícola intensificada, cujos excedentes de alimentos produzidos, estariam mantidos dentro de uma ampla rede de trocas (Lathrap 1977: 740).

Sob o ponto de vista da ecologia humana, a diferenciação das adaptações humanas baseadas nos recursos oferecidos pela várzea e a terra firme, seria uma explicação simplista demais. Neste caso, Morán (1933: 135) chama a atenção para o maior número de enfoques ecológicos efetuados nos últimos anos, os quais forneceram maior número de informações, que se opunham às explicações simplistas do passado, que procuravam correlacionar uma variedade ecológica específica (e.g., o solo, as proteínas) com estruturas sócio-políticas indígenas. Segundo este autor, seria necessário caracterizar as populações amazônicas com mais detalhes, ao julgar pela variedade do solo e da vegetação dos quais dependem as espécies de animais caçadas, e não simplesmente pela dicotomia tradicional entre "populações de terra firme" e "populações de várzea". Morán utiliza em seu argumento a tipologia que divide os rios da Amazônia em três tipos: os de *água branca*, que transportam sedimentos de alta fertilidade; os de *água preta*, com alta acidez e baixo conteúdo mineral; e os de *água clara*, que possuem águas de qualidade média em termos de nutrientes (Morán, *op cit.*: 121). Estes diferentes tipos de rio estariam associados a uma flora diversificada em um verdadeiro mosaico ecológico, representando uma fonte de oportunidade para as populações humanas da Amazônia (Morán, *op cit.*: 124). Quanto aos solos amazônicos, as antigas idéias deterministas pregavam uma suposta pobreza, que não é confirmada pela rica variedade edafológica presente na região. Assim, entre os 75% de solos ácidos e quimicamente pobres ali existentes, há milhões de hectares de solos de boa fertilidade (Morán 1993: 130).

Para o ambiente de Várzea da Amazônia Central, Morán (*op cit.*: 190-197) aponta duas variedades: baixa e alta. A primeira seria caracterizada por uma vegetação flutuante associada a rios de água clara e branca, sendo que nas áreas de águas negras não ocorreriam essas vegetações; já a segunda, tipo alta, predominaria nas áreas do alto Amazonas, em águas acima da cidade de Manaus (rio Solimões), cuja vegetação é de selva contínua. As populações pré-coloniais que ali teriam se adaptado parecem ter tido maiores densidades demográficas nas áreas de várzeas altas de rios brancos, como o Solimões. Seu cotidiano seria influenciado pelas flutuações do nível do rio, cujas variações proporcionariam grande variedade de recursos exploráveis, como a pesca e o solo para atividades agrícolas, o qual era renovado anualmente por sedimentos andinos nas várzeas dos rios brancos e na várzea baixa (Morán, *op cit.*: 218-220). As populações pré-históricas das áreas de várzea baixa parecem ter sido hierarquizadas, na forma de cacicados hereditários como o dos Tapajó, sob um cunho expansionista, dominando

centenas de quilômetros ao longo do rio Amazonas, mantendo relações comerciais com regiões situadas a grandes distâncias (Morán, *op cit.*: 201).

Quanto ao ambiente de Terra Firme, Morán (*op cit.*: 188-189) se alinha com as teorias de manejo de recursos quando afirma que a adaptação indígena seria baseada na promoção da diversidade genética através da criação e manejo de áreas de matas antropogênicas com alta concentração de recursos úteis (por exemplo: matas de cipó, de castanheiras, de bambu, etc.), as quais estariam situadas próximas às aldeias, constituindo ilhas de recursos em áreas de solos de qualidade inferior, mas próximas a solos melhores. Essas matas também ofereceriam vantagem em atrair a caça próximo às aldeias, reduzindo o custo da obtenção de proteína animal, propiciando um ambiente favorável para antas, veados, pacas e cutias (Morán 1993: 188-189). Tais hipóteses refutariam as idéias deterministas as quais postulavam que a baixa escassez de caça e pesca na selva tropical teria limitado o desenvolvimento cultural dos assentamentos humanos na terra firme (Gross 1975).

Viveiros de Castro (1996: 183) ao analisar os modelos acima, comenta alguns pormenores importantes: a variedade pedológica, botânica e zoológica não se adapta na simples oposição *Terra Firme* com seus rios de águas pretas e/ou claras versus *Várzea* com seus rios de águas claras, assim, não é possível continuar agrupando diferentes ecossistemas na categoria de terra firme, a qual corresponde a 98% da Amazônia. Isto implica que muitos solos de terra firme não são tão pobres quanto se pensava, enquanto que algumas formações vegetais nestes ambientes revelam ocupação intensa e prolongada. Dentre estas formações destacam-se florestas antropogênicas manejadas de palmeiras, castanheiras e outras variedades botânicas, que além de corresponderem a 12% da terra firme, são o produto de milênios de ocupação humana, ou seja, florestas sucessivas relacionadas a sítios arqueológicos e correspondem a antigos locais de coivara (corte-queima), campos e assentamentos.

Um ponto importante a ser lembrado é a abordagem histórico ecológica amazônica de Baleé (1995), a qual enfatiza que muitos recursos botânicos utilizados pelas modernas populações indígenas de hábito caçador-coletor, não passam de antigas plantas domesticadas por seus ancestrais, os quais provavelmente possuíam hábito sedentário-horticultor. Pelo impacto da colonização, estes foram forçados a adotar um sistema de vida nômade e por fim forrageiro; sendo suas recentes áreas-fonte de matéria prima, o resultado de campos agrícolas manejados em época pré-colonial.

Pesquisas efetuadas por Cavalier et al. 1995, Morcote et al. 1998: 58) no jazimento arqueológico de Peña Roja, na região de Araracuara, Médio rio Caquetá, Colômbia, revelaram a prática de manipulação de palmáceas por grupos pré-ceramistas de 9000 AP. O costume é ainda hoje observado entre os nômades Nukak da província de Guaviare (Morcote et al. 1998). Para a região do Pantanal, Oliveira (2000) menciona entre os Guató o manejo tradicional para a palmeira Acuri.

Roosevelt 1991, cita como exemplo de ocupações intensas e prolongadas, a região de Santarém, Pará, como um centro de sociedades complexas com grandes estabelecimentos nucleados, sustentados por agricultura intensiva, forrageio, comércio e tributo; mostrando um bem sucedido processo de adaptação humana ao ambiente tropical no último milênio.

Nesta perspectiva, as sociedades indígenas contemporâneas seriam remanescentes geograficamente marginais dos povos de regime cacicado, que sobreviveram ao extermínio que tomou espaço da várzea durante a conquista européia (Roosevelt 1992: 53-80, *in*: Viveiros de Castro 1996: 185); visto que pelo deslocamento e perda demográfica trazidas pela expansão européia, essas populações complexas tiveram de se adaptar a um modo de vida caracterizado por padrões de exploração menos intensos dos recursos naturais (Roosevelt 1992: 70).

De acordo com Johnson e Earle (1997: 207 e 208), o cacicado é um grupo organizado sob um único indivíduo ou conselho de governantes, o qual estende-se além da aldeia ou grupo local, envolvendo populações bem maiores que as das sociedades não estratificadas; sua organização regional é baseada em uma classe de elite de chefes relacionados entre si por descendência e casamento, considerados descendentes de divindades, socialmente isolados, e ocupando posições de destaque nas funções rituais. Neste ponto, vale lembrar o relato de Mauricio de Heriarte, em 1662, a respeito dos Omágua, cujos líderes das aldeias obedeciam a um único chefe denominado *Tururucari*, que por sua vez era também considerado um deus (Porro 1996: 75). Ao observar os aspectos de algumas sociedades das ilhas Hawaí, Marquesas e Trobriand, Kirch (1991: 119-145) e Johnson & Earle (1997: 208) explicam que a evolução de um cacicado baseia-se no desenvolvimento de sistemas financeiros utilizados para o funcionamento das instituições locais, podendo envolver desde uma distribuição da produção alimentícia e artesanal, coletada entre todas as residências como uma taxa ou arredamento, sendo diretamente dividida entre os trabalhadores do cacicado (*Fundo Básico* ou *Staple Finance*), bem como a produção controlada e distribuição de primitivos objetos de valor, símbolos de status social, cuja posse definia os direitos políticos e econômicos de uma pessoa na sociedade (*Fundo Abundante* ou *Wealth Finance*). Dentro desses sistemas, cabia a um líder regional controlar ou monopolizar o manejo econômico transferindo seu poder sob certas condições específicas, entre as quais se destaca o *manejo de risco* (produção e armazenagem de excedentes para serem consumidos em períodos de carestia), o *domínio tecnológico* (intensificação da produção através de técnicas de melhoria, ex: construção de aterros agrícolas, canais de irrigação, etc.), a *guerra* (expansão territorial objetivando controlar a população dominada e seus excedentes de produção, o que envolvia grande número de guerreiros), e o comércio em grande escala (praticado por pessoas importantes, visto que exigia acordos negociados politicamente e/ou tecnologia de comércio elaborada, ex: construção de canoas para grandes viagens).

As possíveis conseqüências arqueológicas de um cacicado na área de pesquisa, seria a evidenciação de estruturas de grande escala, tais como: praças, valas, aterros, e principalmente a relação de grandes aldeias com comunidades satélites, que indicariam tanto a organização central de uma força de trabalho, como também a função de um grande sítio como um centro político e cerimonial regional.

Spencer e Redmond (1992: 136) citam fontes etnohistóricas do séc. XVI da região dos Llanos venezuelanos, onde há descrições de grande número de cacicados atribuídos aos grupos indígenas Achagua e Otomaco. Esses cacicados recebiam a denominação de *Caquetío*, e até poderiam envolver em alguns casos 23 aldeias muito bem fortificadas, como amplas extensões de terras e cursos d'água, sob domínio de um chefe principal, o qual poderia dispor de um número de 30000 guerreiros em períodos de guerras, visto que cada aldeia poderia conter uma população de até 4000 indivíduos.

Pesquisas recentes têm também demonstrado que o processo de ocupação humana da Amazônia vem ocorrendo em datas bem remotas (Roosevelt 1991: 1621) conforme pode se observar pela presença de artefatos líticos lascados datados entre 8000 e 4000 AC (Simões 1976, W. Hurt com. pers. in: Roosevelt 1992: 60). Na área de inundação da Usina Hidrelétrica de Samuel, no alto rio Jamari, Rondônia, Miller (1992:35-37) menciona sítios arqueológicos pré-ceramistas de caçadores-coletores (Fase Itapipoca e Pacatuba) e agricultores incipientes (Fase Massangana), localizados sobre barrancos adjacentes aos rios, com datas oscilando entre 8320 ± 100 e 2640 ± 60 AP.

Pesquisas efetuadas por Roosevelt no Sambaqui da Taperinha e na Caverna da Pedra Pintada revelam resultados surpreendentes, como as mais antigas e contínuas ocupações na região central da Amazônia. O sambaqui da Taperinha, perto de Santarém, Pará, apresenta datações entre 7080 ± 80 e 5705 ± 80 AP (Roosevelt 1991: 1623); enquanto que a Caverna da Pedra Pintada, situada na região de Monte Alegre, oposto ao Sítio Taperinha, indicou a presença de sete depósitos estratificados, do Pleistoceno Superior ao Holoceno, datados entre 11200-430 AP (Roosevelt et al. 1996: 380-381).

Dentro deste amplo quadro de discussões, surge recentemente uma nova proposta de adaptação humana ao ambiente amazônico criada por Denevan (1996: 664-671), cujo modelo ("Bluff Model") seria de uma ocupação complementar dos ambientes de várzea e terra firme, ou seja, os assentamentos indígenas estariam concentrados preferencialmente em terraços escarpados (ou "paredões") de alturas variáveis, que separam aluviões recentes da várzea dos solos mais pobres da terra firme. As várzeas ofereceriam recursos de pesca e de solos anualmente fertilizados pelas cheias para rápido crescimento de cultígenos; enquanto que os terraços, além de considerável potencial de assentamento durante as cheias, possibilitariam práticas agrícolas mais prolongadas e variadas: pomares, agroflorestas manejadas, terrenos de pousio, áreas de corte e queima, etc. Nessa complementaridade, as populações indígenas poderiam ter tido campos com aldeias satélites, tanto na várzea como na terra firme, com uma estratégia de subsistência diversificada.

Seguindo este raciocínio, Denevan (1996: 664-665) propõe a ocorrência nesses terraços de imensos sítios arqueológicos de "terra preta", que são solos muito comuns na Amazônia, ocorrendo principalmente ao longo dos principais rios (Amazonas, Tapajós, Madeira, etc.). As terras pretas têm origem pré-histórica, sua cor é escura e são ricos em material orgânico, e restos culturais (cerâmicas, ossos, cinzas, artefatos líticos, etc.), resultantes da ocupação de gigantescas aldeias. Alguns autores consideram esses sítios gigantes apenas reocupações múltiplas de pequenas aldeias, e não uma aldeia ocupada em um único evento. (Meggers et al. 1988: 291, Denevan 1996: 665).

Pesquisas desenvolvidas no Baixo rio Negro (Amazônia Central) e no Alto rio Xingu, indicam a ocorrência de assentamentos grandes e permanentes, provavelmente associadas com densidades populacionais relativamente altas, tanto em ambientes de várzea como de terra firme. No Alto Xingu, foram evidenciados por sítios de terra preta, com amplos estratos adjacentes, apresentando considerável variabilidade em suas profundidades e composição, com depósitos acrecionais formados por deposição gradual e enriquecimento de sedimento, relacionados a ocupações humanas relativamente contínuas. A presença de praças centrais, aterros e depósitos de detritos nesses sítios, demonstram uma variabilidade de funções, o que é comum entre grandes ocupações sedentárias, mas improvável para ocupações não permanentes (Heckenberger et al. 1999:355-356).

As pesquisas realizadas até o momento, no âmbito do "Projeto Amazônia Central", possibilitaram a elaboração de um quadro cronológico preliminar, baseado em datações radiocarbônicas e análises cerâmicas em andamento, caracterizado por, no mínimo, três momentos de ocupação distintos. As ocupações mais antigas, caracterizadas por sítios ou níveis de ocupação de chamada fase Manacapuru da Tradição Borda Incisa ou Barrancóide (Hilbert 1968, Heckenberger et al. 1998), são sobrepostas cronologicamente por ocupações com cerâmicas da fase Paredão (Hilbert 1968) e estratigraficamente por ocupações com cerâmicas da subtradição Guarita da Tradição Policroma da Amazônia (Hilbert 1968, Heckenberger et al. 1998, 1999). De acordo com essa cronologia preliminar, as ocupações Manacapuru da área estariam datadas desde o século III AC até o século IX DC, enquanto que as ocupações Paredão estariam datadas entre os séculos VIII e X DC e as ocupações Guarita desde o século X até o XVI d.C.

Na área de estudo, o sítio Açutuba teria sido habitado continuamente por toda era Cristã por grupos que produziram cerâmicas das três tradições identificadas. Tal sítio ocupa uma extensão de pelo menos 3 km ao longo do rio Negro, com áreas de habitação mínima de 30 ha (observação baseada na distribuição de terra preta) e de áreas de atividade com mais de 50 ha (evidenciada pela presença de uma vala artificial e de fragmentos cerâmicos localizados além da área de terra preta). Dentro de um raio de 30 km a partir do sítio Açutuba, pesquisas regionais fornecem evidência de uma densidade de população regional alta, baseando-se na presença de sítios com cerâmica diagnóstica das ocupações Manacapuru, Paredão e predominantemente Guarita com 30 ha ou mais de terra preta. No entanto, a

maioria dos sítios localizados situa-se próximos a cursos d'água. É então necessário que se verifique se sítios de grande porte ocorrem também na terra firme. Os sítios do Alto Xingu, revelaram aldeias fortificadas de 3 a 5 km², com valas defensivas e praças centrais, interligadas entre si por estradas e localizadas longe dos principais cursos d'água (Heckenberger et al. *op cit.*: 357, 364 e 370).

Outro exemplo é citado por Drennan (1995: 320) quando descreve o sítio arqueológico de Gaván, localizado na região oeste dos *Llanos*, estado de Barinas, na Venezuela. O sítio caracteriza-se por dois grandes aterros de 10 e 12 m de altura, situados em uma praça oval de 500 m de largura, circundada por uma calçada de vários metros de largura, sobre a qual havia uma paliçada. Havia também cerca de 130 aterros menores contendo estruturas residenciais, com uma população estimada de 1000 pessoas. As pesquisas indicam que por volta do ano 1000 AD, Gaván foi atacada e incendiada, e a paliçada teria sido erguida para conter os ataques inimigos.

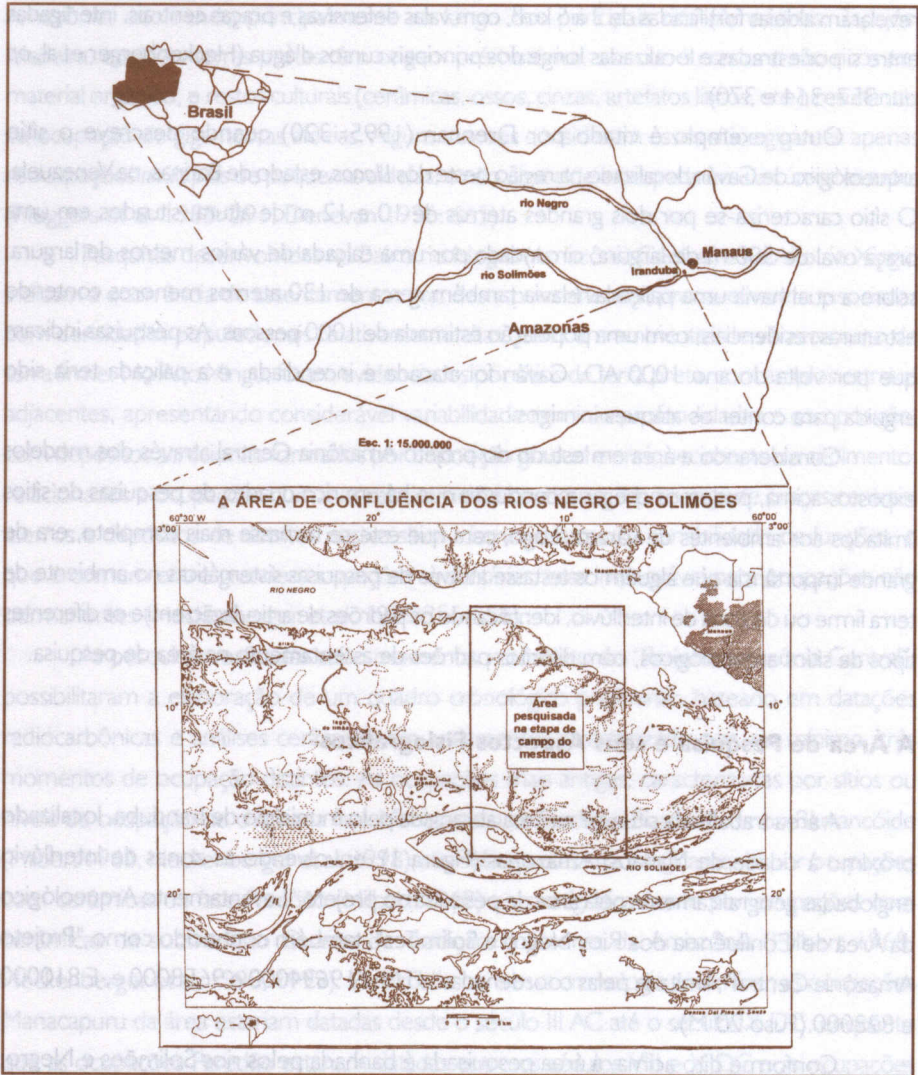
Considerando a área em estudo do projeto Amazônia Central através dos modelos expostos acima, podemos chegar a conclusão que há um rico quadro de pesquisas de sítios limitados aos ambientes de várzea. Logo, para que este se tornasse mais completo, era de grande importância que alguém os testasse através de pesquisas sistemáticas no ambiente de terra firme ou de zona de interflúvio, identificando os padrões de articulação entre os diferentes tipos de sítios arqueológicos, com distintos padrões de assentamento na área de pesquisa.

A Área de Pesquisa e seus Aspectos Fisiográficos

A área trabalhada situa-se na área abrangida pelo município de Iranduba, localizado próximo à cidade de Manaus, Amazonas (Figura 1), envolvendo as zonas de interflúvio englobadas geograficamente pela área de pesquisa do projeto "Levantamento Arqueológico da Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões", também conhecido como "Projeto Amazônia Central", limitada pelas coordenadas UTM: N 9634000 e 9658000 e, E 810000 e 828000 (Fuso 20 M).

Conforme dito acima, a área pesquisada é banhada pelos rios Solimões e Negro; o primeiro trata-se de um rio de águas brancas, cujas planícies de inundação são anualmente enriquecidas por sedimentos andinos, favorecendo a formação de microambientes ricos em nutrientes para a fauna local, tende a formar ao longo de suas margens falésias abruptas, genericamente conhecidas na região como "paredões"; por outro lado, o segundo, é um rio de águas pretas com potencial de fertilização e produtividade primária baixos, tende a formar em suas margens praias arenosas. Ambos rios apresentam redes de drenagens secundárias de padrão dendrítico, algumas de grande porte representadas na área pelos "paraná" (e.g., Ariáú, Janauari), em alguns casos associados a lagos (Limão, Grande, Santo Antônio, Testa); e outras de menor porte, representadas por igarapés.

Figura 1
Área de estudo e sua localização na Amazonia Central



O clima predominante na região é do tipo quente e úmido (Projeto RADAM, 1978:29), correspondendo na classificação de Köppen ao clima Am. As temperaturas médias anuais são elevadas, tendo variado, na década de 1960 de 25,6° C a 27,6° C. A umidade do ar é sempre alta, correspondendo os meses de maior umidade (84% a 90%) aos de maior incidência de chuvas.

A vegetação predominante é de uma Floresta Tropical Densa, com árvores de grande porte e estratos arbustivos estabelecida nos baixos platôs de relevo colinoso e ondulado, e associada com áreas de tensão ecológica densas (contato de Formações Pioneiras/ Floresta

Sempre Verde) em planícies periodicamente inundadas (Projeto RADAM, 1978: 29). Hoje, a tendência é o predomínio de matas secundárias (capoeiras), áreas de pastagem e atividades agrícolas, devido ao intenso desmatamento ocorrente na região.

Quanto aos aspectos geológicos, Soares et al. 2001, definem na área de confluência do rio Negro e Solimões, apenas duas unidades: a Formação Alter do Chão do Cretáceo Superior, e os depósitos quaternários indiferenciados; a primeira ocorre na área em estudo recoberta por crostas lateríticas e latossolos amarelos. A Formação Alter do Chão inclui argilitos, folhelhos, siltitos, arenitos e conglomerados. Albuquerque (1922, *apud* Projeto RADAM 1978: 57) denominou de "Arenito Manaus" os níveis silicificados desta unidade, representados na área por imensos lajedos nas margens do rio Negro.

Os depósitos quaternários são compostos principalmente de material argilo-siltico-arenoso, maciços e de coloração acinzentada (Soares et al. 2001).

O relevo da área é caracterizado pela planície Amazônica, tendo o rio Solimões em seu eixo (Projeto RADAM 1978: 29). Em geral é de aspecto suave, com presença de alguns morros de topo plano na terra firme, e de escarpas (ou terraços) adjacentes às planícies de inundação na várzea. Suas origens associam-se aos depósitos da Formação Alter do Chão.

Os solos predominantes na área são os latossolos amarelos (ou oxissolos) sobrepostos aos sedimentos da Formação Alter do Chão, e sedimentos arenosos quaternários oriundos da lixiviação dos arenitos da Formação Alter do Chão (inf. pers. Emílio Soares 2003), os quais formam grandes areais na região, explorados comercialmente para a construção civil. Quanto aos solos das planícies aluviais, provenientes dos sedimentos do Quaternário, destacam-se no rio Solimões os solos Hidromórficos Gleyzados Eutróficos e os solos Aluviais Eutróficos; enquanto que no rio Negro os solos de maior expressão geográfica são os solos Hidromórficos Gleyzados Álicos e os solos Aluviais Álicos (Projeto RADAM 1978:29). É importante salientar que na região ocorrem grandes extensões de solos de origem antrópica, geralmente denominados de "terras-pretas de índio", ricos em material orgânico e arqueológico.

O Levantamento de Campo

Para que o levantamento na área de pesquisa fosse efetuado, a princípio foi definido um grupo de sete unidades amostrais de levantamento através de um planejamento sistemático. A região foi quadriculada em unidades padrão de 2x2 km a partir de coordenadas fixas. Considerando que a zona de interflúvio dos rios Negro e Solimões encontra-se entre as coordenadas 60°20'W e 60°10' W, a partir da primeira foram contados espaços iguais de 2 km, os quais serviriam de base para o quadriculamento. Posteriormente foram selecionadas as unidades distanciadas no mínimo 1 km da várzea. Dentre estas unidades, foram escolhidas aproximadamente 20%, o que resultou em 7 unidades regulares e equidistantes entre si,

formando uma malha de cobertura sistemática de pesquisa. As unidades selecionadas seriam levantadas através de caminhamentos sistemáticos com espaçamentos de 250 m um do outro. Considerando as dimensões de grande porte dos sítios amazônicos, esse parecia um intervalo razoável. A cada 250 m percorridos ao longo da linha seria efetuada uma travessia, procurando verificar o material em superfície, recolhendo também entre a população local informações orais quanto à existência de vestígios arqueológicos, como por exemplo, áreas de terra preta ou restos de artefatos líticos e/ou cerâmicos.

Todavia, no decorrer das atividades de campo desenvolvidas, a abordagem proposta não foi fixamente seguida, visto que algumas das unidades selecionadas não possuíam acesso por estradas secundárias ou trilhas, e correspondiam a áreas de capoeiras densas, dificultando a visibilidade de indícios arqueológicos superficiais e o estabelecimento das linhas de caminhada, exigindo grande número de tempo e de trabalhadores nas atividades de abertura de picadas ou de desmatamento. Assim, a pesquisa foi direcionada para as áreas de interflúvio adjacentes às unidades selecionadas, ao se constatar que eram ocupadas por agricultura, pastagens, queimadas, capoeira rala, e também por estradas secundárias. Visto que o trabalho de pesquisa tratava-se de uma arqueologia exploratória da área de interflúvio, qualquer achado ou informação fornecida, seria importante para a complementação do quadro arqueológico local.

A área de pesquisa é recortada por quatro estradas asfaltadas, dessas, duas foram utilizadas como referência sendo efetuado um levantamento mais intensivo ao longo de suas extensões e ramais secundários: a rodovia Manuel Urbano (km 7 ao 11) e a rodovia Manuel Urbano-Iranduba (km 0 ao 8).

A soma destes fatores com as informações fornecidas pelos moradores locais facilitou a logística de campo, acelerando o levantamento de sítios arqueológicos em uma área de 368 km² em um espaço de tempo relativamente curto, resultando em 18 sítios e 10 ocorrências arqueológicas (peças arqueológicas isoladas) pré-coloniais no ambiente de interflúvio; e de 16 sítios e 3 ocorrências arqueológicas no ambiente de várzea, entre os primeiros, 11 pré-coloniais, 1 histórico e 4 com ambos tipos associados; entre as ocorrências, 1 era pré-colonial e 2 históricas.

Com o término das atividades de campo, o material foi destinado à reserva técnica do Museu Amazônico (Universidade Federal do Amazonas-UFAM) em Manaus, onde seria posteriormente preparado e analisado.

Os Sítios Arqueológicos e seus Materiais

Os Sítios e Ocorrências Arqueológicas de Terra-Firme

No ambiente de interflúvio ou de terra firme da área estudada foram localizados 18 sítios e 10 ocorrências arqueológicas pré-coloniais ao longo de propriedades rurais

localizadas em ambas margens da rodovia de Iranduba, e ao norte da rodovia Manacapuru-Manaus. Os sítios e ocorrências localizam-se geomorfologicamente em topos planos e em meias encostas de morros ou planícies adjacentes a igarapés contributários do rio Solimões. É importante salientar que foi considerado como ocorrência arqueológica, as peças arqueológicas encontradas de forma isolada, não associadas a algum contexto.

A princípio demonstraram se tratar de sítios arqueológicos pertencentes a aldeias isoladas e de dimensões pequenas, com 100 m de diâmetro em média, ao julgar pela área de dispersão de poucos e esparsos fragmentos cerâmicos ou artefatos líticos. Com o decorrer das pesquisas, alguns apresentaram maiores dimensões, com 300 m de diâmetro em média.

Outro pormenor, o qual chamou a atenção, foi a cerâmica encontrada nesses sítios: fragmentos não muito numerosos, esparsos, cujo aspecto diferia das cerâmicas Manacapuru, Paredão e Guarita, ou seja, densidade bem leve, muito porosa e com superfícies erodidas, geralmente associadas a solos lateríticos lixiviados pluvialmente (Figura 2). A princípio, esta cerâmica gerou uma série de especulações, gerando dúvidas quanto a sua correlação com os demais horizontes cronológicos-culturais da área em estudo. Todavia, no decorrer de novos achados, alguns exemplares desta cerâmica começaram a surgir em melhor estado de conservação, ou então associada ao material cerâmico já conhecido no contexto arqueológico da região. Assim, esta cerâmica erodida nada mais era do que a cerâmica das indústrias Manacapuru, Paredão e Guarita, as quais foram submetidas a um constante processo de intemperismo ocasionado pela lixiviação pluvial do solo nos pontos de cotas mais altas no ambiente de terra firme, em consequência dos desmatamentos e queimadas constantes, bastantes comuns na região há algumas décadas, ocasionando a destruição dos sítios arqueológicos, bem como do ecossistema da região. Outro achado interessante foi a presença de massas ressequidas de mandioca em alguns sítios, popularmente conhecidas na região como “pães de índio” (Figura 3).

Figura 2

Cerâmica erodida recuperada nos sítios do ambiente de Terra Firme

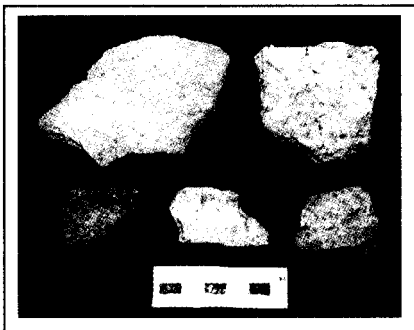
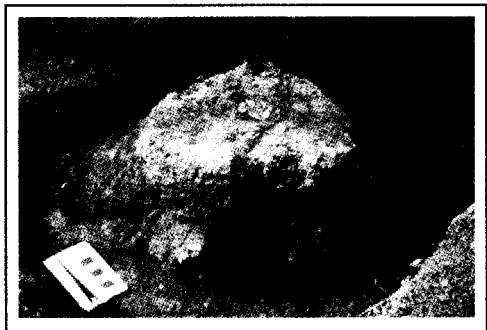


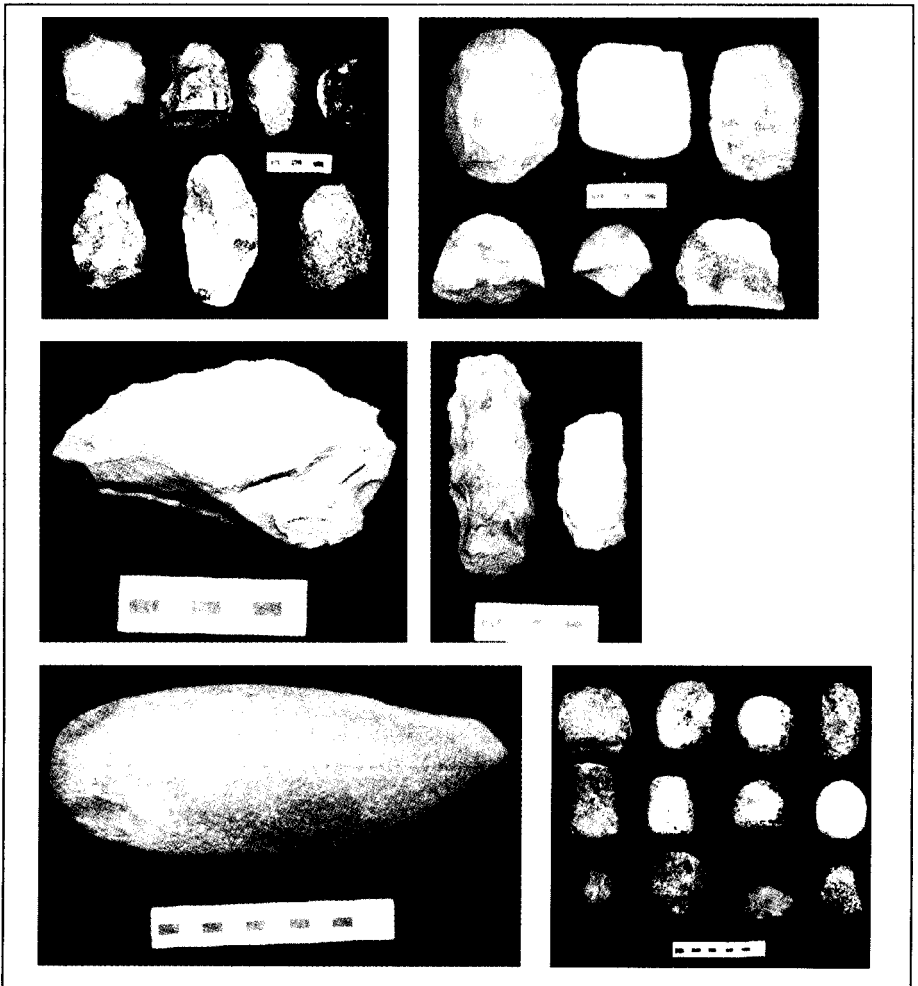
Figura 3

Pão de índio recuperado no sítio AM-IR 37: Xavier



Neste ambiente também foi localizado um sítio de grandes dimensões (AM-IR-32: Dona Stella), com rara presença de cerâmica Manacapuru, mas com uma quantidade impressionante de artefatos líticos confeccionados a partir de núcleos utilizados ou retocados e de lascas retocadas, cuja tipologia é similar às das indústrias pré-ceramistas conhecidas no Planalto Central brasileiro (principalmente pela grande presença de raspadores plano-convexos) bem como pela presença de pontas de projéteis similares às indústrias líticas venezuelanas, sugerindo uma nova modalidade de sítio arqueológico até então nunca encontrado na região (Figura 4-5).

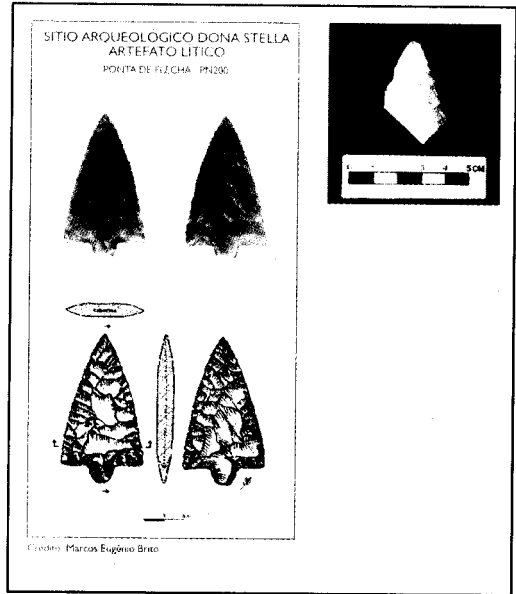
Figura 4



Artefatos líticos brutos e lascados do sítio AM-IR-32, Dona Stella: a, b, peças bifaciais; c, raspador de bico; d, peças plano-convexas; e, mão-de-mó; f, quebra-côcos

Figura 5

Puntas de projéteis recuperadas no sítio
AM-IR-32: Dona Stella



Os Sítios e Ocorrências Arqueológicas de Várzea

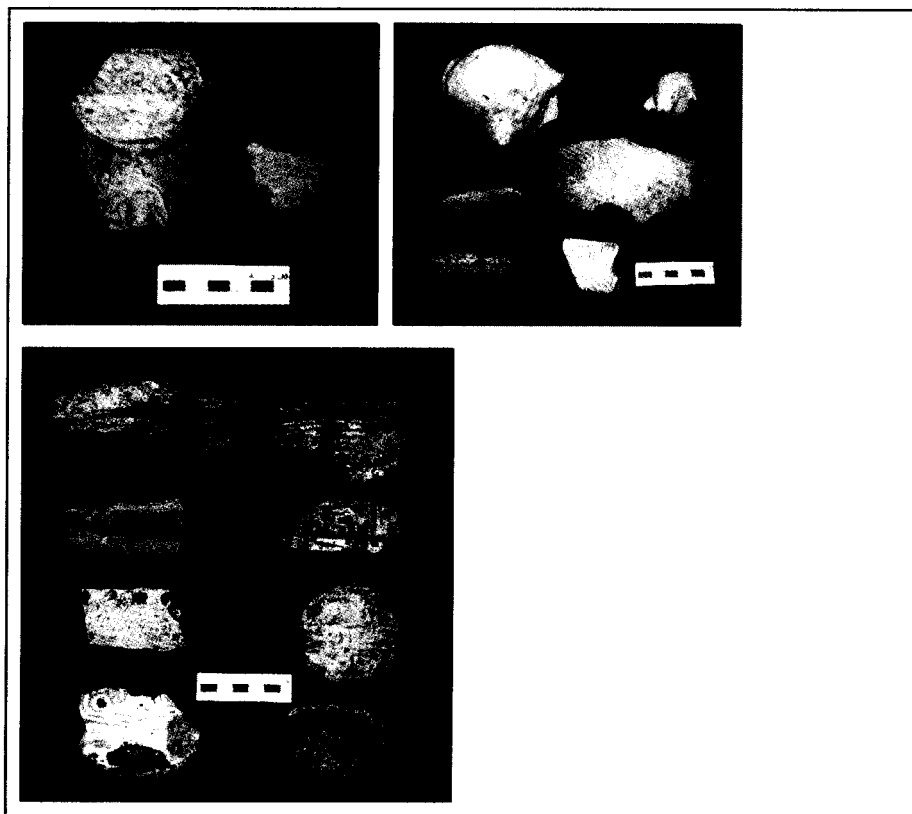
Quanto ao ambiente de várzea, foram localizados 16 sítios e 3 ocorrências arqueológicas. Entre os primeiros, 11 eram pré-coloniais, 1 histórico e 4 com ambos tipos associados. Entre as ocorrências, 1 era pré-colonial e 2 históricas. Ocorriam em propriedades rurais localizadas às margens dos rios Negro e Solimões, ou dos lagos Iranduba, Laguiinho, do Mudo ou do Testa, alguns dentro do perímetro urbano da cidade de Iranduba.

Os sítios pré-coloniais, em alguns casos, tratam-se de imensos sítios de terra preta antropogênica com dimensões superiores a 600 m de comprimento, situados em bordas de terraços ribeirinhos de acordo com o padrão de assentamento "Bluff Model" proposto por Denevan (1996), ricos em material cerâmico e lítico das ocupações Manacapuru, Paredão e Guarita (Figura 6). Poucos apresentaram associações com material de origem histórica (Figura 7), evidenciado pela presença de cerâmica cabocla ou louça industrializada do séc. XVII ao XIX: faiança, pó-de-pedra (ou faiança fina) ou grés, o que corresponde aos primeiros núcleos de habitações coloniais, fazendas, mocambos de escravos africanos/ afro-brasileiros ou indígenas, aldeamentos missionários, centros extrativistas do Ciclo da Borracha ou até mesmo com a Cabanagem (Séc.XIX).

Discussão dos Dados

Após o levantamento de sítios com as atividades de campo, se observou que no ambiente de Terra Firme há um predomínio de sítios afiliados a ocupações desconhecidas (5) e a fase Manacapuru (4), sendo os primeiros denominados como *Inclassificado*,

Figura 6



Fragmentos cerâmicos das fases: a. Manacaparu. b. Paredão. c. Sub-Tradição Guarita

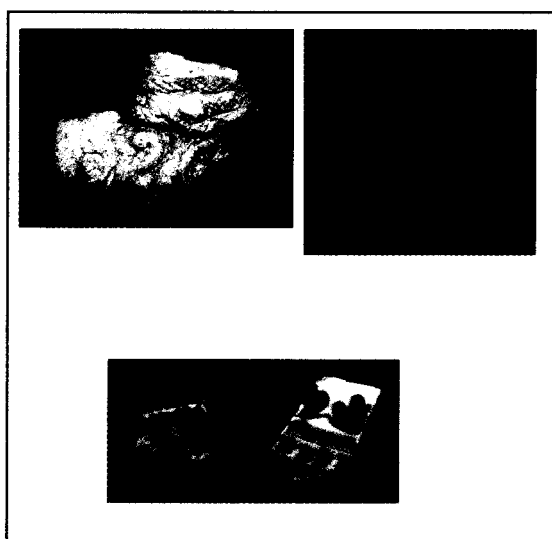


Figura 7

Materiais arqueológicos históricos recuperados no ambiente de Várzea. a. Cachimbo de estilo Santarém. b. fragmento cerâmico inciso de influência africana. c. fragmentos de faianças portuguesas do séc. XVIII

apresentando material cerâmico muito intemperizado, não permitindo no momento uma identificação segura. Em menor freqüência há sítios associados à Sub-Tradição Guarita (3) e à fase Paredão (2) e de modo raro a ocupações pré-ceramistas (1). 4 sítios são multicomponenciais: 1 pré-ceramista com posterior ocupação Manacapuru, 1 Manacapuru/Guarita e 2 Paredão/Guarita. Entre as ocorrências predomina o *Inclassificado* (9) e raramente uma da Sub-Tradição Guarita (1).

Por outro lado, se considerarmos exclusivamente a presença de uma das ocupações culturais-cronológicas citadas, apenas o número de vezes que estas se repetem nos sítios e ocorrências, a presença do *Inclassificado* é magistral na terra firme, seguido em menor freqüência, porém marcante na área, pelas ocupações Manacapuru e Guarita, sendo as demais ocupações culturais pouco representativas, e as históricas ausentes. É importante salientar que a cerâmica *Inclassificado* poderá vir a ter um diagnóstico mais aperfeiçoado à medida que as pesquisas se intensifiquem no ambiente de interflúvio, a despeito de se tratar de uma área mais sujeita a intempéries.

Quanto ao ambiente de Várzea, há um predomínio de sítios da Sub-Tradição Guarita (7) e multicomponenciais (7), e uma freqüência pequena de sítios históricos (2). Quanto às ocorrências, 2 são históricas e 1 é pré-ceramista. Os 7 sítios multicomponenciais apresentam as seguintes ocupações culturais-cronológicas:

- 1 Manacapuru/Paredão/Guarita/Histórico;
- 1 Manacapuru/Paredão/Guarita;
- 2 Paredão/Guarita;
- 1 Paredão/Guarita/Histórico;
- 1 Guarita/Histórico;
- 1 Pré-ceramista/ *inclassificado*.

Novamente, conforme visto para a terra firme, se considerarmos apenas o número de vezes que as ocupações se repetem nos sítios e ocorrências, a Sub-Tradição Guarita é hegemônica no ambiente de várzea, seguida em menor freqüência, porém não menos marcante de ocupações históricas, e estas por ocupações Paredão. As ocupações pré-ceramistas, Manacapuru e *Inclassificado* são de baixa freqüência.

Estudos quantitativos de material cerâmico efetuados para os sítios e ocorrências levantados nos oferecem uma visão alternativa, visto que se constata uma hegemonia da cerâmica Guarita. Para a terra firme, observamos em uma ordem crescente que 14,13% pertencem ao *Inclassificado*; 18,58 % à fase Paredão; 21,94% à fase Manacapuru e; 45,35% à Sub-Tradição Guarita. Para o ambiente de Várzea, também em uma ordem crescente, temos 0,35% para o *Inclassificado*; 1,42% à Fase Manacapuru; 10,33% à fase Paredão; 18,14 % à ocupação histórica e; 69,76% à sub-tradição Guarita.

A presença acentuada de sítios históricos na Várzea, ao contrário do ambiente de terra firme, é explicada pela presença das terras pretas associadas a ocupações pré-coloniais, cuja fertilidade para a instalação de roçados atrairia populações caboclas e quilombolas, as

quais também dependiam dos recursos de pesca e transporte dos rios. Outro ponto a ser considerado são os ciclos econômicos extrativistas das drogas do sertão e da borracha e as fazendas conseqüentemente criadas, cujo único meio de escoamento da produção para os grandes centros comerciais, era através do transporte fluvial utilizando os principais cursos d'água da região. Assim, era necessária a presença de assentamentos ribeirinhos, cuja funcionalidade seria a de fazendas, feitorias, entrepostos comerciais, pesqueiros, ou pontos de descanso e abastecimento de embarcações. Não se descarta a possibilidade de ocorrerem sítios históricos no interflúvio, à medida que se intensifiquem as pesquisas na área.

As coletas lito-cerâmicas apresentaram um número elevado de material para os sítios e ocorrências do ambiente de terra firme, ou seja, 1466 peças cerâmicas e 3404 líticas, o que destoa do número relativamente baixo para as coletas efetuadas no ambiente de várzea: 422 peças cerâmicas e 153 líticas. Tal ambigüidade é justificada por um dos objetivos desta dissertação: considerando o fato de que se tratava de uma pesquisa de levantamento arqueológico exploratório, dentro de um ambiente de terra firme ou interflúvio, era necessário efetuar coletas exaustivas, uma vez que os materiais cerâmicos destas áreas geralmente encontravam-se erodidos dificultando sua identificação e afiliação cultural; logo, uma grande amostragem forneceria material abundante para datações por TL ou quaisquer outras análises que pudessem ser necessárias. Quanto às coleções líticas, 97,62% é procedente de sítios pré-ceramistas da terra firme considerando que, durante a etapa de campo não existiam notícias quanto à existência de sítios pré-ceramistas na área do Projeto Amazônia Central, os achados inesperados dos sítios AM-IR-30 (Areal do Guedes) e AM-IR-32 (Dona Stella), exigiram uma coleta abundante de material lítico para uma caracterização prévia de sua indústria e tipologia de artefatos, visto que, são sítios pré-ceramistas a céu aberto, localizados em zona de interflúvio, o que é raro na Amazônia em geral.

Assim, as coletas efetuadas no ambiente de várzea foram muito seletivas, ao julgar pela abundante quantidade de material cerâmico, lítico e orgânico presentes nas áreas de terra preta, e também pelo fato de que o quadro arqueológico do ambiente de várzea da Amazônia Central, ser relativamente mais enriquecido de dados de pesquisa em relação à terra firme, ao julgar pelo montante de pesquisas já efetuadas na região desde os trabalhos de Hilbert (1968), bem como uma série de pesquisas abordadas pelo Projeto Amazônia Central em sítios já levantados na várzea, entre os quais destacam-se os sítios Açutuba, Osvaldo, Hatahara e Lago grande.

Conclusões e Recomendações

A pesquisa deste projeto de mestrado resultou no achado de 34 sítios e 13 ocorrências arqueológicas, distribuídos por uma área aproximada de 1,9 sítios/km², demonstrando uma intensa ocupação da paisagem em época pré-colonial.

Antes deste levantamento, o recuo cronológico dos achados arqueológicos na área do médio rio Negro não superavam em antiguidade o séc. III AC. Pela primeira vez na região, vestígios de populações pré-ceramistas, com horizonte cultural caçador-coletor ou agricultor incipiente, de idade mais recuada que as ocupações ceramistas, foram localizadas na terra firme (sítios AM-IR-30: Areal do Guedes e AM-IR-32: Dona Stella [7700 AP]) e na Várzea (sítio AM-IR-57: Cachoeira do Castanho e ocorrência V-2), o que pode ser especulado pela tipologia dos artefatos líticos recuperados, cujas formas lembram os artefatos de diversas indústrias líticas pré-ceramistas do Brasil central (ao julgar pela presença das peças plano-convexas), principalmente as do Arcaico Antigo ao Recente (11000-1000 AP?) do centro de Minas Gerais (Prous 1992: 170, 180-183). Todavia, é interessante ampliar nossas associações com as demais indústrias líticas pré-ceramistas do norte da América do Sul ou até mesmo com as da América Central. Baseando-se no formato das pontas de projéteis recuperadas no sítio AM-IR-32: Dona Stella são semelhantes às pontas do Complexo Canaima da Venezuela (época arcaica) descrito por Rouse e Cruxent (1963: 30-32, 42). Pesquisas recentes, efetuadas no rio Orinoco com a tradição Atures (Barse 1995), revelaram a presença de pontas de projéteis características do Complexo Canaima, pertencentes ao período Atures II, o qual é datado aproximadamente entre 7000 e 4000 AP, sendo similares também às pontas do Complexo Las Casitas do sítio El Jobo (7500 AP), bem como às pontas da fase Vinitu do Paraná (8000 a 7000 AP) (Barse 1995: 108 e 111). Quanto às peças bifaciais recuperadas no sítio AM-IR-32: Dona Stella, algumas se assemelham com exemplares do Complexo Canaima descritos por Rouse e Cruxent (1963: 42, Pranchas 6A, 6B, 6C), e também com as cunhas ou cinzéis bifaciais a tabulares provenientes dos abrigos rochosos do rio Chiriquí, Panamá, onde ocorrem os sítios Casita de Piedra e Abrigo Trapiche, atribuídos às fases Talamanca e Boquete, a primeira é inserida no período pré-cerâmico tardio panamenho (7000-4000 AP); por outro lado, a segunda é inserida nos contextos pré-cerâmico tardio e cerâmico antigo no Panamá (Ranere & Cooke 1995: 18-19-22).

Associando as semelhanças entre os artefatos líticos do sítio AM-IR-32: Dona Stella, com os artefatos líticos do Complexo Canaima, da tradição Atures e da fase Talamanca, e, considerando que todos compartilham um horizonte cronológico inserido no sétimo milênio AP, torna-se necessário verificar, à medida que mais dados venham a surgir com a intensificação das pesquisas, se há uma ligação em comum entre essas indústrias líticas principalmente pelo sétimo milênio AP, englobado em um arco as regiões do Istmo do Panamá-rio Magdalena (Colômbia)- bacias do rio Negro e Orinoco.

Embora na área de pesquisa do PAC, vestígios de paleoíndios do Pleistoceno Superior não tenham sido até agora localizados, é possível que venham a surgir com o prosseguimento das pesquisas. Provavelmente durante o último estágio da glaciação Würmiana (Wiscosin), a Amazônia Central não era coberta pela atual floresta pluvial, mas

por uma vegetação mais esparsa e seca, semelhante a uma savana, visto que através de observações geomorfológicas, trata-se de uma área com declives dissecados, o que não poderia ter se desenvolvido sob cobertura vegetal densa (Tricart 1974, 1985, *apud* Haffer e Prance 2002: 178). Este ambiente aberto certamente facilitou a mobilidade de bandos caçadores-coletores no Pleistoceno Superior, ao longo dos rios Negro, Solimões e Amazonas, conforme podemos constatar pelas pontas de projéteis pedunculadas de formas triangulares, descritas por Roosevelt et al. 1996: 380-381) para o sítio da Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, Pará, cujas datações chegam ao Pleistoceno Superior (11 200 AP). Todavia, uma discussão mais detalhada quanto a elementos palinológicos e paleoclimáticos do Pleistoceno e Holoceno antigo da Amazônia são abordados com maiores detalhes na dissertação de mestrado (Lima 2003) onde há importantes dados levantados com as pesquisas de Cavelier et al. 1995, Piperno & Becker 1996, Morcote et al. 1998, van der Hammen & Hooghiemstra 2000, Colinvaux & Oliveira 2000.

Mais tarde, a região passou a ser ocupada por grupos ceramistas, a princípio pela Fase Manacapuru (séc. III AC- séc. X D.C.), seguida pela Fase Paredão (sécs. VIII-X DC.), e mais tarde pela Sub-Tradição Guarita (sécs. X-XVI DC). A partir do séc. X DC, a diminuição dos indícios Manacapuru e Paredão, em relação aos indícios predominantes Guarita nos sítios levantados, pode indicar um regime de vassalagem, assimilação, contato inter-étnico, ou talvez até mesmo extermínio através de guerras ocasionadas com a expansão dos ceramistas policromos pela região, conforme é sugerido pelas estruturas de valas defensivas de aldeias, estudadas no sítio Açutuba e Lago Grande (Donatti 2003), mostrando que a área pode ter sido palco de tensões entre populações por volta deste período. Apesar das ocupações Manacapuru e Paredão ocorrerem em sítios correspondentes aos espaços de grandes aldeias, não demonstram uma expansão tão contínua na região quanto os sítios de ocupação Guarita, a ponto de sugerirem uma forma de organização social de regime cacicado. Talvez até o tivessem, mas a chegada dos grupos ceramistas Guarita na Amazônia central, pode ter destruído muitos vestígios que o pudessem afirmar. Por outro lado, é importante lembrar que na região de Manaus é grande a presença de sítios arqueológicos com a cerâmica Paredão.

Na área de terra-firme, os sítios em geral, quanto ao seu tamanho, eram condicionados pela geomorfologia local, tendo em vista os sítios de áreas relativamente pequenas (100 m de diâmetro em média) assentados em topos planos de morros, mas podendo atingir em alguns casos, áreas iguais ou superiores a 400 m de diâmetro, conforme o espaço geográfico físico permitisse. As ocupações nos topos de morro envolviam uma função estratégica permitindo boa e ampla visão da área em geral, e também o conforto das correntes de ar, as quais garantiam a ventilação das habitações neste ambiente de clima quente.

Visto que os topos de morros estão mais sujeitos a processos de lixiviação do que deposição, o intemperismo já atuava nos sítios em época pré-colonial logo que estes eram abandonados, dando início a destruição dos indícios arqueológicos (cerâmica e terra preta antropogênica). Este processo foi intensificado pela derrubada das matas em períodos mais

recentes, expondo os solos a um processo constante de erosão pluvial, eliminando a camada superficial orgânica (em alguns casos terra preta antropogênica) condicionando à formação de áreas semi-desertificadas de solos lateríticos. Isto explica a origem da cerâmica erodida, a qual estaria associada às ocupações Manacapuru, Paredão, Guarita ou mesmo etno-históricas, bem como a baixa e esparsa quantidade de material arqueológico nas áreas elevadas do ambiente de interflúvio, se comparada com a concentração elevada de material arqueológico nos sítios do ambiente de várzea. Um pormenor curioso, é que esses topos de morros oferecem uma visão estratégica do rio em um raio de centenas de metros, certamente em tempos pré-coloniais, qualquer tipo de embarcação que se aproximasse da aldeia, com intenção de guerra ou comércio seria percebida rapidamente, a ponto dos habitantes organizarem uma defesa ou uma recepção mais calorosa.

Os sítios localizados nos terraços das várzeas são imensas áreas de terra preta antropogênica, rica em material cerâmico e lítico, e se encaixam no padrão de assentamento "Bluff Model" de Denevan (1996), de modo que os sítios localizados na terra firme podem ser suas aldeias satélites, isto poderia ter melhor fundamento através de comparações de datas entre sítios de terra firme e de várzea, caso apresentem horizontes cronológicos aproximados.

O predomínio dos sítios de ocupação Guarita em ambos ambientes visitados (Várzea/Terra Firme), sugere que uma possível explosão populacional, pode ter ocorrido na região com a vinda desta Subtradição Policrômica, a partir do Séc. X da era Cristã, ocupando intensamente o espaço físico da área, ao longo de cada topo de morro, terraços fluviais, igarapés ou lagos, tanto no ambiente de interflúvio como no de várzea. No médio rio Uaupés, ao estudar os índios Wanâna, Chernela (1987: 236-7, 246-7) observou que os *sibs* locais mantêm uma hierarquia de domínio dos locais de pesca e de habitação, sendo mais vantajosa, a localização que permitisse melhor acesso e controle dos recursos do rio, a qual é legitimada através da mitologia de origem desses grupos; o acesso a esses locais de pesca, em geral bem servidos de grandes armadilhas pesqueiras, só é permitido aos membros do *sib* ou a visitantes autorizados; entre esses grupos há também uma rede de troca (*po'oa*) de bens e alimentos (peixes e frutas), cuja utilização e distribuição é regulada por direitos e obrigações existentes por laços de parentesco e casamento. Steve Hugh-Jones (1979; *apud* Morán 1991: 373) propõe para a região do rio Uaupés, Colombiano, que uma série de ciclos sistemáticos de trocas econômicas e as visitas constantes entre os assentamentos indígenas, encorajaram o desenvolvimento de uma cultura pan-vaupesiana, com grande integração cultural suportada por padrões de exogamia lingüística, multilingüismo, trocas de itens comestíveis, e no passado, a criação e manutenção de alianças militares. Os Tukano-Makuna, localizados também no rio Uaupés, apresentam dados interessantes referentes à complexidade de sua estrutura social, caracterizada pela descendência patrilinear, residência virilocal e aliança simétrica, construída de casamentos de grupos lingüísticos exógamos, cada um dividido internamente em séries de clãs hierarquizados, gerando agrupamentos relativamente grandes, diferenciados internamente, ligados entre si dentro de um sistema

regional, baseado na troca de mulheres, bens, e serviços rituais (Hugh-Jones 1996: 226, 249). Esses agrupamentos são formados por duas ou mais comunidades autônomas, pertencentes a grupos exógamos diferentes, sendo cada uma representada por uma grande maloca familiar, e constroem territórios com fronteiras instáveis, definidas pela densidade dos laços de parentesco, pela frequência de visitas e casamentos entre as comunidades, e pelas áreas de influência dos xamãs e outros homens importantes (Hugh-Jones 1996: 231). As posições desses territórios são estabelecidas em um determinado rio, ou em uma seção particular de um rio, de acordo com sua base mitológica (o mito da criação do mundo, onde a grande canoa-anaconda distribuiu os povos Tukano em localidades específicas ao longo do rio), onde seus ancestrais obtiveram bens cerimoniais, canções e feitiços, concretizando um componente de patrimônio do grupo, o qual serve para validar seus privilégios rituais e a reivindicação de algum território (Hugh-Jones 1996: 238, 240). A identidade e o poder ancestral de um grupo são garantidos pela prosperidade de determinados itens de riqueza e privilégios, entre os primeiros destacam-se os adornos plumários de cabeça, bens cerimoniais e instrumentos musicais sagrados; entre os segundos, destacam-se os direitos de produção artesanal (cestaria, bancos, canoas) que são trocados em rituais análogos ao das trocas cerimoniais de alimentos, e também a propriedade lingüística, musical ou mitológica (língua, nomes de pessoas, cânticos, feitiços, estilos musicais) que legitimam os poderes ancestrais ativados em rituais (Hugh-Jones 1996: 241). Hill (1983, *apud* Moran 1991: 374) e Wright (1981; *apud* Moran 1991: 374) informam que em uma área do rio Negro as fratrias Wakúenai, mantinham controle sobre porções claramente definidas no rio, sendo que os direitos territoriais requeriam autorização formal de uma fratria para pescar ou caçar no território de outra, e também, a vizinhança entre elas mantinha trocas regulares de bens de subsistência na região, representados por produtos de caça-pesca e cultivo. Outro exemplo é citado por Lévi-Strauss (1996: 316) entre alguns grupos Tupi-Cavaíba do rio Pimenta Bueno, Rondônia, os quais possuíam territórios de caça com fronteiras vigiadas e a prática de alianças entre grupos vizinhos através da exogamia, mais como uma estratégia de domínio de território do que uma aplicação de regra restrita. Lévi-Strauss vê a hierarquia como uma feição característica das "Sociedades das Casas", que é relacionada à competição sobre emblemas, títulos e privilégios; assim, a conexão entre a casa Tukano e a hierarquia é muito clara em seus clãs, sendo tentadora a sugestão que a instituição da casa é associada à emergência de grupos baseados em volta de interesses econômicos e políticos, os quais são expressos em sua linguagem de parentesco; e que os mitos do noroeste da Amazônia representariam remanescentes de uma organização social, política e religiosa de nível mais elevado (Lévi-Strauss 1983a, 1973, *apud* Hugh-Jones 1996: 252). Do mesmo modo, formas semelhantes de organização social, podem ter existido na Amazônia Central pré-colonial até o período dos primeiros contatos com os europeus, conforme o exaustivo levantamento etno-histórico efetuado por Porro (1996), no qual, os relatos quinhentistas informam a presença de grandes domínios territoriais indígenas ao longo do rio Negro (Aparia, Yurimagua, Omagua, etc.).

Tal padrão, com predomínio de indícios Guarita observado nos sítios, comparado com os modelos etnográficos acima, pode indicar uma forma de uma hegemonia através de regime de cacicados, dentro de uma grande integração cultural, controlando os recursos naturais inerentes a ambos ambientes através de parentesco entre grupos clânicos, alianças ou subserviência de grupos vizinhos dominados. Todavia, essa idéia de domínio territorial seria corroborada, caso os horizontes cronológicos e os estilos cerâmicos decorativos dos sítios Guarita de várzea e de terra firme coincidissem ou pelo menos muito se aproximassem. Em caso afirmativo, poderia ser sugerido que os pequenos assentamentos levantados na terra firme seriam as comunidades satélites das grandes aldeias de várzea, conforme a proposta de Flannery e Marcus (2000):

"Among the most interesting societies in the ethnographic and archaeological records are chiefdoms-societies based on hereditary differences in rank, in which the chief's authority extends to satellite communities." (Flannery & Marcus 2000: 2).

É necessário efetuar, em futura oportunidade, as datações de termoluminescência dos sedimentos e cerâmicas coletadas nos sítio de terra firme, e compará-los com as datações já efetuadas pelo PAC para certos sítios já pesquisados na várzea, tais como o Açutuba, Hatahara, e os níveis de ocupação Guarita do sítio Lago Grande (Donatti 2003).

No sítio AM-IR-50: Boa Sorte, fragmentos pertencentes a assadores Guarita com diâmetros elevados (92, 160 e 296 cm) sugerem a produção de produtos à base de mandioca (*Manihot esculenta*) em grande escala, objetivando não apenas o sustento de uma grande população, mas também a armazenagem e trocas de excedentes entre regiões vizinhas, o que era complementado com a criação e manejo de selvas antropogênicas ricas em recursos (Morán 1993: 188-189, Viveiros de Castro 1996: 183).

A cerâmica recuperada nos sítios e ocorrências históricas pertence às ocupações representadas por grupos indígenas etno-históricos, cujas populações eram deslocadas de suas áreas originais no processo da colonização portuguesa na Amazônia, visto que, era grande a demanda de mão de obra exigida pelos colonos entre os séculos XVII e XVIII. Esses deslocamentos contribuíram para uma grande aglomeração de etnias indígenas com indivíduos europeus e africanos, originou através de miscigenações o elemento genericamente conhecido como "caboclo", principal componente da moderna população amazônica. É possível imaginar a grande variedade de tecnologias e estilos de produção cerâmica e de outros artefatos, trocados diariamente entre essas pessoas ao dividirem o mesmo espaço social, miscigenando-se umas às outras, a despeito de suas diferenças étnicas

É importante salientar que a contribuição de populações negras africanas ou afro-brasileiras na área estudada, é evidenciada pela presença de fragmentos cerâmicos, semelhantes a exemplares recuperados em sítios históricos pertencentes a quilombos, minerações, fazendas e arraiais estudados em outras regiões do Brasil, sendo a estes creditado a influência de elementos artísticos africanos,

existindo farta bibliografia a respeito deste tema (CEMIG 1995, Chmyz et al. 1999, Morales 1999, Jundiaí 2002). Todavia, a idéia de um quilombo/mocambo entre os sítios históricos levantados deve ser amparada com documentação histórica específica para a área estudada, visto que a presença de cerâmica de influência africana nesses sítios pode indicar uma produção local efetuada por populações negras já alforriadas, instaladas em pequenas propriedades agrícolas e/ou pesqueiras, ou há possibilidade de terem sido trazidas de algum centro produtor, o qual abasteceria com utensílios cerâmicos as diversas cozinhas das fazendas do médio rio Negro colonial.

A presença de alguns materiais observados nos sítios, tais como vidraria e louça européia de meados e fins do séc. XIX e início do XX indicam que estes continuaram a ser ocupados continuamente por populações caboclas em períodos mais recentes, associadas a partir daí ao Ciclo Econômico da Borracha na Amazônia, onde foi marcante a presença de populações oriundas do nordeste brasileiro, compostas por migrantes deslocados pelas secas, os quais miscigenaram-se com a população local, configurando o atual quadro da moderna população amazonense.

Ao efetuar o levantamento arqueológico na área de Interflúvio dos rios Negro e Solimões, este trabalho de mestrado demonstrou que a ocupação humana no ambiente amazônico de terra firme seria tão intensa quanto à do ambiente de várzea. Embora não apresentasse sítios de grandes dimensões, a pluralidade de pequenos assentamentos, poderiam corresponder às aldeias satélites vinculadas aos grandes assentamentos de várzea, indicando a possibilidade de existência de sociedades indígenas hierarquizadas, talvez sob regime de cacicados. Isto nos faz refletir, se os conceitos pregados pelo determinismo ambiental ao ambiente de interflúvio amazônico são realmente válidos, ou seja, o ambiente de terra firme teve um papel tão fundamental quanto o ambiente de várzea no processo de organização social e adaptativo das populações pré-coloniais locais.

Pela tipologia dos sítios levantados, a região estudada é rica e variada: pela primeira vez na Amazônia Central, foram encontrados sítios pré-ceramistas a céu aberto, com bom grau de conservação, presença de pontas de projéteis, e uma datação de 7700 anos AP, fornecendo ricas informações para a definição de indústrias líticas amazônicas. Os sítios pré-coloniais ceramistas e históricos além de numerosos, forneceram informações interessantes, entre estas, a constatação de decoração marcada com corda na cerâmica Manacapuru, a descoberta de um piso de habitação da Sub-Tradição Guarita, sítios com possível função de armazenagem de alimentos, ao julgar pela presença dos pães-de-índio (uma temática de pesquisa importante de ser seguida), a possibilidade de existência de quilombos/mocambos na área, e também farta informação de análise cerâmica e lítica.

Outros projetos temáticos devem ser desenvolvidos nesta região, por exemplo nos pântanos de várzea, cujos ambientes redutores fornecem condições propícias para a conservação de matéria orgânica, podendo fornecer dados importantes de palinologia, ou para atividades de prospecções subaquáticas, onde seria possível localizar vestígios de antigos artefatos de madeira pré-coloniais ou históricos (restos de embarcações, remos, arpões de

pesca, estruturas de armadilhas pesqueiras, etc.). Uma vez que a área de interflúvio pesquisada ocorre na confluência de dois grandes rios (Negro e Solimões), é importante que este tipo de pesquisa de arqueologia exploratória seja testada em outras áreas geograficamente distintas da Amazônia, não apenas com o objetivo de verificar se os padrões de assentamento humano em ambientes de interflúvio seguem ou não o modelo defendido neste trabalho, mas também de conhecer a arqueologia de áreas não estudadas, pois considerando suas dimensões continentais, pode se afirmar que é uma região, a qual ainda fornecerá muitas surpresas, na medida em que se intensifiquem as pesquisas no futuro.